

## ROMANCEIRO DA SALAMANCA

Colmar Duarte realiza sua releitura da lenda do Jarau e a Editora Movimento publica o interessante trabalho artístico.

Colmar tem vários livros de poemas publicados: Sesmarias dos Ventos, 1979; Cancha Reta, 1986; Cardo, 1993; Tempo de Viver, 2000. O romanceiro é um poema dramático, pois a lenda ignora fronteiras mostrando o quanto sempre foram interligadas as nações que formam o cone sul-americano.

A lenda é trabalhada com arte e o poema conclui com A Lição.

*Amor não tem razão nem preconceito,  
Enquanto bate o coração no peito,  
Pode surgir do nada, num repente.  
E quando toca o coração da gente  
Toda a maldade logo é esquecida.*

*Qualquer que seja o preço, vale a pena,  
Pois só o amor pode vencer a morte  
E só o amor  
Nos justifica a vida!*

## Estratégias para a aquisição do acento primário em PB\*

Raquel Santos\*\*

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é discutir como se dá o processo de aquisição do acento primário (da palavra) em Português Brasileiro. Durante o processo de aquisição, a criança usa várias estratégias para "se aproximar" do que seja o algoritmo de acentuação. Três delas são aqui discutidas: uso de vários contornos entonacionais, fixação de um contorno acentual; fixação de um arcabouço métrico compatível com o contorno entonacional. A quarta estratégia consiste em fazer uso do algoritmo de acento primário da língua alvo. Defendo que as crianças usam informações acentuais disponíveis em outros domínios prosódicos como pistas para a aquisição do algoritmo de acento primário.

**Palavras-Chave:** fonologia, aquisição da linguagem, acento primário.

**Abstract:** This paper deals with the acquisition of word stress in Brazilian Portuguese. In the course of acquisition, children use several strategies to mark stress prominence before the adult algorithm of primary stress is used productively. Three of them are investigated: the strategy based on intonational contours, the one based on prosodic structuring, and the one based on stress templates. The fourth strategy is the use of the adult algorithm of primary stress. I argue that children use the stress information available in other prosodic domains as cue for the acquisition of the algorithm of primary stress.

**Key Words:** phonology, language acquisition, word stress.

\* Agradeço a Ester Scarpa, Bernadete Abaurre, Gladis Massini-Cagliari, Carmen Hernandez e Seung-Hwa Lee e participantes do GT de gramática da ANPOLL 2000 e do ENAL 2000 por todas as valiosas sugestões. Os mal-entendidos que permanecem são de minha responsabilidade.

\*\* USP.

## 1 Introdução

Uma vez que a criança tem associado à seqüência segmental de seus enunciados um contorno entonacional com alternância de proeminências métrico-acentuais, uma visão ingênua que frequentemente se coloca é que a prosódia seria primitiva e indicador de conhecimento gramatical prévio pela criança (Scarpa 1994). Normalmente curtos, do tamanho de uma palavra, com um pico de proeminência acentual, os enunciados das crianças parecem-se com os enunciados dos adultos, mas isto não significa que estejam sendo analisados da mesma maneira.

As crianças trabalham sobre o enunciado dos adultos. O *input* a que têm acesso é constituído por uma seqüência de segmentos, um contorno entonacional a que se atribui um significado (Gebara 1976) e uma alternância de proeminências métrico-acentuais. A criança deve lidar com as várias informações fonológicas e organizá-las, o que inclui o sistema acentual de sua língua. Assumimos que a análise que a criança faz da língua adulta se reflete em suas próprias produções, na medida em que ela colocará em prática as suas hipóteses a respeito da língua a ser adquirida. Neste trabalho discutimos a aquisição do acento primário. O fato de todos os enunciados da criança, desde os mais iniciais, terem uma proeminência acentual não significa que a criança já esteja lidando com o acento de palavra. Essas proeminências podem ser de outros níveis prosódicos. Por exemplo, quando a criança produz enunciados de uma palavra, o acento percebido não é necessariamente o acento lexical, mas o acento entonacional.

## 2 Pressupostos teóricos

Uma vez que cada enunciado tem associado a ele um contorno entonacional e proeminências métrico-acentuais, temos de trabalhar com teorias que dêem conta desse contorno e que discutam a distribuição dos acentos.

Segundo Cruttenden (1986), aos contornos entonacionais são associadas funções diferentes. Por exemplo, o movimento descendente é o não-marcado para as sentenças declarativas. As sentenças interrogativas que têm marcas sintáticas ou morfológicas também têm movimento descendente ou ascendente, enquanto que as interrogativas sem marcas sintáticas ou morfológicas têm movimento ascendente. As exclamativas e imperativas são de movimento ascendente. Adotaremos a análise de Gebara (1984) para o desenvol-

vimento entonacional de duas crianças falantes do PB.<sup>1</sup> Porém, como a notação desta autora é em forma de contornos, acabamos por fazer a transposição dessa análise para a notação de Pierrehumbert (1987), o que nos permite observar melhor as superposições entre o contorno entonacional e o acento de palavra. De acordo com Pierrehumbert, o contorno de um enunciado é formado por um núcleo (*pitch accent*) e limites tonais. Constitutivos dos limites tonais são os acentos frasais (*phrase accent*, marcado por um \*) e os tons de fronteira (*boundary tones*, marcados por %). Os acentos de altura são H (alto) e L (baixo); por exemplo, H L\* L% é um movimento ascendente com acento frasal no primeiro tom baixo.

Assumimos para nosso trabalho a proposta de fonologia métrica de Selkirk (1984) e Nespor & Vogel (1986) segundo a qual os constituintes prosódicos são hierarquicamente organizados em sete níveis ou domínios: sílaba, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entonacional, sentença. Estes níveis obedecem a certos princípios, entre eles o Princípio de Projeção, segundo o qual só pode se candidatar à acentuação em um nível X um constituinte que é acentuado no nível X<sup>1</sup>.

De acordo com esse princípio, só pode receber acento entonacional uma sílaba que tenha recebido acento nos níveis inferiores, incluindo aí o nível da palavra. No entanto, as regras de acentuação que regem a acentuação de palavra variam de língua para língua e não são capturadas pelo modelo de Fonologia Prosódica, que vai apenas refletir, na grade métrica, os resultados do algoritmo de acentuação.

A proposta de acentuação do Português por nós assumida é a de Lee (1995).<sup>2</sup> Segundo o autor, o léxico do Português é ordenado em dois níveis:  $\alpha$  (onde ocorrem os processos derivacionais como a sufixação, a flexão irregular, alguns processos de composição) e  $\beta$  (onde ocorrem a flexão regular do verbo e não-verbo, formação produtiva do diminutivo, advérbio e grau). Segundo essa proposta, as regras do acento primário não são sensíveis ao peso silábico, mas o são às categorias lexicais. A projeção do acento segue a Regra Final (projete o acento mais à direita). Defende-se que a extrametricidade seja dependente da morfologia e sujeita à condição de Perifericidade. Em notação paramétrica, é a seguinte a proposta de Lee:

<sup>1</sup> As duas crianças são as mesmas por nós analisadas – R. e T., de modo que podemos assumir a proposta de Gebara como uma das estratégias utilizadas pelos sujeitos no decorrer da aquisição.

<sup>2</sup> Infelizmente não nos será possível discutir aqui as propostas de acento do Português Brasileiro à luz dos dados de aquisição. Para os interessados, cf. Santos (2001).

(1) domínio:	não-verbo: nível $\alpha$	
	verbo: nível $\beta$	
constituente:	binário	
direcionalidade:	direita para esquerda	
dominância:	não-verbo: caso não-marcado: esquerda	(. *)
	caso marcado: direita	(* .)
	verbo: caso não-marcado: direita	(* .)
	caso marcado: esquerda	(. *)
iteratividade:	não	
sensibilidade à quantidade silábica:	não	
regra final:	direita	
extrametricidade:	não-verbo: marcador de palavra	
	verbo: sufixo [-mos] (Imperfeito, Mais-que-perfeito e Futuro do Pretérito do Indicativo e no Imperfeito do Subjuntivo)	

Cabe às crianças, então, marcar os diversos parâmetros do algoritmo de acentuação de palavra. No entanto, mesmo antes de esses algoritmos estarem marcados, os enunciados das crianças já apresentam proeminências acentuais. Nossa hipótese é de que essas proeminências acentuais venham de outros domínios prosódicos. Com o decorrer do processo de aquisição e conseqüente marcação paramétrica, as crianças deixam de apoiar a acentuação em outros domínios prosódicos e passam a fazer uso do algoritmo da forma adulta.

### 3 As noções de estágio e estratégia<sup>3</sup>

Como dito anteriormente, nossa proposta é de que as crianças usam várias estratégias durante o processo de aquisição e que essas estratégias são mais ou menos concentradas em determinados períodos deste processo.

Piaget não foi o primeiro a usar a noção de estágio, embora atualmente esta palavra remeta facilmente à teoria cognitivista. Piaget propõe que a criança passa por estágios de desenvolvimento cognitivo. Estes estágios piagetianos são universais (gerais e invariáveis) e, em cada um, a criança desenvolve capacidades necessárias para o estágio seguinte (provocando mudanças qualitativas no desenvolvimento). De acordo com este conceito de estágio, o desenvolvimento deve ser descontínuo – uma vez que os está-

<sup>3</sup> Agradeço ao prof. Milton do Nascimento por chamar a minha atenção para a discussão destas noções.

gios são qualitativamente diferentes – e contínuos – no que se refere ao tempo em que ocorre o desenvolvimento (cf. Piaget & Inhelder 1971).

O conceito de estágio, não é, no entanto, estranho aos estudos gerativistas. Esta é uma noção encontrada nas discussões de Chomsky (1965, 1975, 1995) sobre aquisição da linguagem. Porém, a definição de estágio para Chomsky é diferente da definição cognitivista. Embora o autor, ao discutir os pressupostos epistemológicos do processo de aquisição, idealize-o como uniforme e instantâneo em um falante ideal, ele também assume que a criança passa por estágios durante esse processo, que se inicia com o estágio inicial ( $S_0$ ) e deve culminar no estágio final ( $S_n$ ) da língua adulta. Para Chomsky (1995:169),

"the standard idealized model of language acquisition takes the initial state  $S_0$  to be a function mapping experience (primary linguistic data, PLD) to a language".<sup>4</sup>

Os estágios são diferentes porque a função é diferente devido à marcação paramétrica. A Gramática Universal é uma teoria do estado inicial  $S_0$  (função inicial) do componente relevante da faculdade da linguagem. Esta função vai se modificando no decorrer do processo (devido às modificações/ marcações paramétricas) até chegar na função da língua que está sendo adquirida (isto é, todas as marcações paramétricas da língua-alvo,  $S_n$ ).

Esta definição de estágio regular como função permite uma explicação para a concomitância de diferentes formas nos enunciados da criança, que seriam caracterizados como diferentes estágios. Mesmo que se assuma que, em princípio, um único dado deva ser suficiente para desencadear uma marcação paramétrica, a literatura não é concorde sobre o assunto, e discute a freqüência de ocorrência de um traço e o tempo de exposição que uma criança precisa ter para fixar um determinado parâmetro (cf. Meisel 1995). Dessa forma, nada impede que a criança, num determinado momento, esteja utilizando duas funções diferentes (assumindo que para haver parametrização é necessária a robustez dos dados). Neste momento a criança ainda não parametrizou, está testando uma diferente marcação paramétrica. Esta hipótese explica a concomitância de enunciados com formas características de períodos mais iniciais e mais tardios por parte da criança.

<sup>4</sup> "o modelo idealizado padrão de aquisição de linguagem toma o estado inicial  $S_0$  como uma função que mapeia a experiência (dados lingüísticos primários) para uma língua" – tradução da autora.

Uma vez que o estágio chomskyano é uma função, essa noção não captura a relação entre a acentuação e os demais domínios, pois esta relação nem sempre pode ser expressa por marcação paramétrica. Por exemplo, o que se observa é que a criança parte do contorno entonacional para chegar à acentuação. Não há, entre os parâmetros do algoritmo acentual, referência a proeminências acentuais de outros níveis prosódicos. No entanto, enquanto a criança ainda não adquiriu o algoritmo acentual da língua adulta, ela marca as proeminências acentuais de seus enunciados apoiando-se em outros domínios prosódicos. Essas são diferentes estratégias utilizadas pela criança para se aproximar do que é a acentuação na forma adulta.

O termo estratégia não é neutro em aquisição; há vários estudos – principalmente cognitivistas – sobre aquisição da linguagem (em seus vários componentes), leitura, escrita, etc que fazem uso do termo. Este mesmo termo já foi utilizado por Chomsky (1965:25) ao discutir aquisição:

“as a precondition for language learning, he must possess, first, a linguistic theory that specifies the form of the grammar of a possible human language, and, second, a strategy for selecting a grammar of the appropriate form that is compatible with the primary linguistic data”.<sup>5</sup>

Assumindo que os estágios sejam funções, a hipótese com que trabalhamos é que as crianças tenham diversas maneiras, estratégias para aplicar essas funções sobre a linguagem. Fazer uso de uma ou de outra estratégia não significa não estar fazendo uso da mesma função (e estar, portanto, no mesmo estágio). A análise a ser desenvolvida neste trabalho defende que as crianças usam diferentes estratégias em um mesmo estágio.

#### 4 As estratégias para aquisição do algoritmo de acento de palavra

Nossos dados são de dois sujeitos – R. e T. –, compreendendo o período de 1;2 a 3;5 anos, em sessões semanais de meia-hora gravadas em áudio e depois transcritas foneticamente. Ambas as crianças são sujeitos do banco de dados do Projeto de Aquisição da Linguagem do IEL, UNICAMP.

<sup>5</sup> “como pré-condição para o aprendizado da linguagem, ele [falante; RSS] deve possuir primeiro uma teoria lingüística que especifique a forma da gramática de uma possível língua humana e, segundo, uma estratégia para selecionar uma gramática do tipo apropriado que seja compatível com os dados lingüísticos primários” – tradução da autora.

Da análise de nossos dados foi possível observar que as crianças usam diferentes estratégias para marcar as proeminências acentuais de seus enunciados. Essas estratégias ocorrem predominantemente em certos períodos do processo de aquisição, mas é possível haver concomitância entre elas. Além do mais, T. e R. usam estratégias diferentes para atingir uma mesma forma alvo, o que seria indício da não-universalidade das mesmas. Propomos que, no processo de aquisição, R. e T. fazem uso das seguintes estratégias: vários contornos (entre 1;3 e 2;0), fixação de um contorno (entre 1;8 e 2;3), arcabouço acentual (entre 1;10 e 2;5), algoritmo da forma adulta (a partir de 2;3). As faixas etárias são aproximadas, para ambos os sujeitos.

#### 4.1 Vários contornos

No período de 1;3 a 2;0, T. e R. desenvolvem um sistema primitivo de contornos entonacionais. Uma vez que, devido ao Princípio de Projeção (Selkirk 1984, Nespor & Vogel 1986) o acento de palavra coincide com o acento entonacional, não há, em princípio, como dizer com que nível as crianças estão lidando. Nossa hipótese é que, neste período, R. e T. usam o acento nuclear pelo acento de palavra.

O enunciado é formado por uma parte segmental associada a um contorno entonacional e a uma alternância de proeminências métrico-acentuais. Segundo Scarpa (1994), a criança ancora a organização de níveis prosódicos mais baixos na hierarquia prosódica nos níveis superiores, já mais desenvolvidos nesse momento. O primeiro nível com que a criança trabalha é o dos contornos entonacionais<sup>6</sup>. Gebara (1984) mapeou o desenvolvimento da ordem de aquisição do sistema entonacional de nossos sujeitos, agrupando-os de acordo com a significação de seu uso pela criança. Segundo a autora, os sistemas entonacionais de T. e R. são, respectivamente:

<sup>6</sup> Lembramos da importância desses contornos para a criança que está começando a adquirir uma língua, uma vez que os mesmos são associados a significados dialógicos.

(2) Sistema de T.

a) aquisições iniciais (1;4 a 1;7)

TOM	CONTORNO	USO
1T	H+L* L L% ou L+H* L L%	Fala social
2T	L* L L%	Fala solitária
3T	H+L* H H% ou L*+H H H%	Usado para 2 vocábulos específicos
4T	H* H L% ou L+H* L L%	Nomes de pessoas do círculo familiar e vocativos

b) aquisições tardias (1;7 em diante)

TOM	CONTORNO	USO
5T	L+H* L+H L L%	Tom exclamativo
6T	H* H H% ou L+H* L L%	Pedido de informação sobre a localização de algo, confirmação de verbos, repetição de tópicos do interlocutor

(adaptado de Gebara 1984:58;59).

(3) Sistema de R.

a) período de 1;2 a 1;8

TOM	CONTORNO	USO
1R	H+L* L L%	Formas primitivas de asserção, falas introspectivas e respostas fáticas
2R	L* L L%	Localização de objetos, completude de ação lúdica
3R	L+H L L+H* L L% ou L+H L+H* L L%	Convite para ação partilhada e surpresa agradável
4R	H* L L%	Dêixis e questões parciais
5R	H* L L%	Pedidos
6R	H* H L% ou L+H* L L%	Vocativos
7R	H* H H%	Manutenção de tópico, permissão e questões polares
8R	L* L H% ou L* H H%	Enumeração de objetos e coesão em enunciados sucessivos

b) aquisições posteriores (1;5 a 1;8)

TOM	CONTORNO	USO
9R	H* L L%	Privação, asserções incompletas ou referência à informação dada
10R	H* L H%	Advertência e concordância firme e definitiva
11R	H L* L H%	Expressões interrogativas locativas, fórmulas de convite e pedidos de permissão

(adaptado de Gebara 1984:98,120,155,159).

O objetivo de Gebara é descrever a forma dos contornos entonacionais conforme seu significado dialógico. Os resultados da autora indicam que, embora haja um sistema distintivo entonacional sendo adquirido, não há, necessariamente, uma isomorfia entre a relação de contornos conforme seu significado; isto é, um mesmo contorno pode ter mais do que um significado dialógico (por exemplo, 4R é utilizado para interrogativas e chamamentos) e, por outro lado, um mesmo significado dialógico pode usar mais de um tom (por exemplo, a interrogativa usa os tons 7R e 4R).

Essa variedade de contornos e o aparente tratamento dos enunciados como um todo confirmam a afirmação de Dore, Franklin, Miller & Ramer (1975) de que a fala inicial da criança não se organiza em termos de categorias gramaticais, mas da coordenação entre significados conceptuais e *outputs* fonéticos. A criança tem, inicialmente, um inventário de contornos entonacionais a partir dos quais ela interage de diferentes maneiras com os adultos. Vigário & Frota (1992) reconhecem que, inicialmente, é possível tratar os enunciados das crianças como tendo apenas um significado lingüístico de tipo prosódico (declarativa, interrogativa...), sem necessariamente ter um significado de tipo lexical a eles associado. Segundo as autoras, enquanto os enunciados têm apenas um significado prosódico, eles não têm estruturação segmental, que só surge mais tarde, no discurso.

Nesse período, o recorte que as crianças fazem do enunciado dos adultos pode variar. Como o enunciado tem proeminência à direita, a expectativa, que se evidencia correta, é de maior quantidade de acentos finais nas palavras:

- (4) situação: T. alegre-se com a chegada da irmã e com a música na vitrola  
[newtikuta / skohje] tom 1T = ? (T.1;3.17)
- (5) [wa'waw] tom: 2T = au-au (T.1;4.29)
- (6) [a.'ki] tom: 1T = aqui (T.1;5.21)
- (7) [paɣ'ʔi.nu] tom: 6T = passarinho (T.1;6.3)
- (8) [sa.'pa.tu] tom: 1T = sapato (T.1;7.23)
- (9) [ma.ma.'ma.na] tom: 2R = banana (R.1;6.3)
- (10) pai: que que aconteceu com a garrafa?  
[kotika'fafa] tom: 2R = aconteceu com a garrafa (?) (R.1;6.6)
- (11) [ka.le.'le.la] tom: 2R = ah, a janela (?) (R.1;6.6)
- (12) ['fe.sa] tom: 2R = fecha (R.1;6.22)
- (13) [akɔ'kɔ] tom: 3R = olha o cocó (R.1;6.22)

Os enunciados das crianças podem ter a mesma seqüência segmental que na fala adulta, como é possível observar em (5), (6), (8) e (12). Porém, nem sempre as seqüências segmentais dos enunciados das crianças são palavras na língua adulta, como em (4). Estas seqüências segmentais preenchem o contorno entonacional; são *filler-sounds* iniciais, cuja função é completar um arcabouço entonacional, ocupando normalmente posições iniciais fracas (Scarpa 1994).

Os *filler-sounds* também são usados quando a seqüência segmental recortada da fala do adulto não é suficiente para preencher o arcabouço entonacional, como em (7), (9), (10), (11) e (13).

#### 4.2 A estruturação do contorno entonacional

Por volta de 1;8 há uma modificação nos sistemas de T e R. que dura até 2;3. Como apontado por Gebara (1984), T. passa a fazer uso somente de um contorno, 6T. Com a cristalização de um determinado tom, a criança percebe que nem sempre a seqüência segmental preenche o contorno eleito, o que a leva a um trabalho de preenchimento desse tom. Para T., o tom cristalizado tem a forma: (L) L + H\* (L) %

R. não generaliza nenhum de seus contornos. No entanto, como observado por Santos (1995), R sempre assume um tom de movimento descendente (2R,4R,5R,7R,9R), com possibilidade de pré-núcleo baixo para trabalhar o contorno entonacional e acrescentar *filler-sounds*. Para representar esses diversos tons, usaremos

uma variante do tom 2R, 2rh: L + H\* L L %. Superpondo os contornos de R. e T. temos que, para ambas as crianças, são necessárias uma sílaba alta, acentuada, uma sílaba pré-tônica baixa e uma sílaba pós-tônica opcional: L H\* L%. Este padrão vai de encontro com as propostas de que a criança trabalha inicialmente apenas com a estrutura trocaica sw (cf. Gerken 1994, Fikkert 1994, Vihman 1996 entre outros). O uso de *filler-sounds* apenas com um contorno entonacional indica que as crianças estão trabalhando com a estrutura deste contorno. As crianças elegem um contorno *default* e trabalham com sua estrutura gramatical prosódica (a formação deste contorno por sílabas com tons altos e baixos), preenchendo a seqüência segmental do mesmo com partes do enunciado do interlocutor, com *filler-sounds* mais tardios e com modificações na cadeia segmental. Até então a associação era feita entre som e significado sem nenhum tipo de análise. Neste momento, a criança está usando o acento frasal do *input* como o acento do contorno entonacional.

A estrutura prosódica com que a criança trabalha tem o acento nuclear entonacional mais à direita. Pode ter mais de uma sílaba pré-tônica, mas somente uma pós-tônica, opcional. É esta estrutura iâmbica que a criança usa como *default* em seus enunciados:

- |      |     |       |             |     |   |                                |
|------|-----|-------|-------------|-----|---|--------------------------------|
| (14) | (L) | L     | H*          | (L) | % | contorno entonacional          |
|      | (σ) | ∪     | —           | (σ) |   | estrutura iâmbica              |
|      |     |       |             |     |   |                                |
|      |     | [ a   | 'paw ]      |     |   | = pau (Cara de Pau) (T.1;11.2) |
|      |     | [ be. | 'ke. du]    |     |   | = brinquedo (R. 1;10.0)        |
|      |     | [ ʔə  | mi 'ni. nɐ] |     |   | = menina (T. 2;2.28)           |

Este uso do acento nuclear entonacional indica para a criança a direção do acento (borda direita da palavra). Mesmo nas seqüências mais iniciais da criança se vê a restrição de que o acento deverá estar em uma das últimas três sílabas. Não há casos de violação desta janela.

A criança deve preencher o contorno entonacional. Porém, nem sempre o recorte que faz do *input* se conforma com o contorno com que está trabalhando. Há pouquíssimos casos de alterações no que diz respeito à sílaba nuclear, isto é, erros de acentuação (dados (20) e (27)). A mudança acentual é a forma mais radical de preenchimento do contorno entonacional eleito, e não é muito comum porque o recorte do *input* é feito a partir da sílaba nuclear. Além disso, essa estratégia só é possível para palavras trissílabas. Nos

demais casos (palavras com mais ou menos sílabas), são necessárias outras formas de preenchimento. Para o caso de sílabas pré-tônicas, a criança tem quatro diferentes possibilidades de preenchimento: uso de *filler-sounds* iniciais (dados (17) – (18)), alongamento da sílaba nuclear (dado (19)), recorte de sílabas pré-tônicas acentuadas (dados (21), (23), (24) e (26)) e recorte da sílaba mais adjacente (dados (15) – (16), (22) e (25)):

(15) [ fe.'rē.tʃɪ ]	= diferente	(T.1;9.24)
(16) [ pwi.'tāw ]	= capitão	(T.1;11.2)
(17) [ ?m'bi.so ]	= bicho	(T.1;11.04)
(18) [ u.'bu.pi ]	= Pupi	(T.1;11.02)
(19) [ pa: u ]	= pau	(T.1;11.2)
(20) [ mu.'zi.ka ]	= música	(T.2;0.21)
(21) [ ʒa.'mo ]	= já mamou	(T.2;0.26)
(22) [ ne.'kĩ.nu ]	= bonequinho	(T.2;2.28)
(23) [ pa.'sĩ.nu ]	= palhacinho	(R.1;8.25)
(24) [ ka.'fĩ.nu ]	= coelhinho	(R.1;8.25)
(25) [ dʒi.'vi.nɐ ]	= adivinha	(R.1;11.12)
(26) [ mas.'ko ]	= machucou	(T.2;0.26)
(27) [ gra.'va.dor ]	= gravador	(R.2;0.5)

No lado direito do núcleo entonacional, preenchendo a posição pós-nuclear, a criança tem três opções: escolher a sílaba mais adjacente (dados (30) – (31)), ou a mais complexa -CVC (dado (29)), ou alongar a sílaba receptora do acento frasal (dado (28)), sendo possível que as duas sílabas pós-tônicas sejam amalgamadas (dado (32)):

(28) [ si'ri: ]	= siri	(T.1;10.0)
(29) [ 'õ.bus ]	= ônibus	(T.2;0.21)
(30) [ ə.'ʃi.kɐ ]	= xícara	(T.2;2;10)
(31) [ a.'ã.pɐ ]	= lâmpada	(T.2;5.25)
(32) [ a.'a.ve ]	= árvore	(R.2;4.2)

### 4.3 O arcabouço acentual

Outra estratégia das crianças consiste em assumir que as palavras são dissílabas. Assume-se que esta seja uma estratégia diferente da anterior porque não há mais necessidade de uma sílaba pré-nuclear, como era necessário para preencher o contorno entonacional L H\* L. Esta estratégia ocorre predominantemente entre 1;10 e 2;5 para ambas as crianças.

Uma vez que as palavras paroxítonas são maioria em português (cf. Cintra 1997), observar a percentagem de produção da criança não necessariamente aponta para uma tendência trocaica ou iâmbica inicial. Os dados que podem trazer algum esclarecimento sobre essa tendência são os que a criança tem a possibilidade de reduzir uma seqüência de sílabas de um enunciado tanto para uma forma trocaica (\* .) como iâmbica (. \*).

Os dados das crianças sugerem que elas reduzem palavras paroxítonas que se conformavam ao contorno entonacional (no mínimo trissílabas paroxítonas) em dissílabas durante todo o período analisado. Essa redução, no entanto, não privilegia nenhum modelo de acentuação, quer trocaico, quer iâmbico. As crianças podem reduzir trissílabos paroxítonos tanto em dissílabos oxítonos (dados (33)-(35)), como em dissílabos paroxítonos ((36), (37) e (38)):

(33) [ a.'gɔ ]	= agora	(T.2;3.4)
(34) [ dʒi.'ba ]	= embaixo	(R.1;11.12)
(35) [ ver.'du ]	= verdura	(R.2;0.20)
(36) [ 'zẽ.du ]	= fazendo	(R.2;2.2)
(37) [ 'o.lju ]	= relógio	(T.2;2.28)
(38) [ 'su.kɐ ]	= açúcar	(T.2;2.28)

A estratégia de fixação de um tom para o trabalho prosódico permite que a criança perceba que o acento entonacional não é o mesmo que o acento de palavra. Isto é, o contorno eleito pela criança para análise, como vimos, permite uma sílaba fraca final e uma sílaba fraca pré-nuclear. Esse modelo leva a criança a assumir que o acento de palavra em PB é atribuído na fronteira direita da palavra, mas não é necessariamente final:

(39) L	H*	L	%	contorno entonacional
	*	.	#	padrão trocaico
	.	*	#	padrão iâmbico

Essa possibilidade cria como *template* para a acentuação o constituinte frasal binário. Com esse arcabouço acentual, a criança se vê com dois domínios para acentuação: o domínio da palavra e o domínio da frase entonacional. Esses dois domínios serão co-ocorrentes e poderão, algumas vezes, criar modelos acentuais diferentes ou mesmo contraditórios, na visão da criança.

O fato de o acento entonacional encaixar-se com o acento de palavra e de as sílabas fracas serem opcionais permite que a criança admita a ocorrência de produções tanto paroxítonas (dados (41) - (42)), quanto oxítonas (dado (40)). A análise do dado (42) como um trabalho com o arcabouço acentual se deve à não-obrigatoriedade de preenchimento da sílaba pré-tônica, evidenciada pelos enunciados dissílabos paroxítonos.

(40) L	H*	(L)	%	(41) L	H*	(L)	%
si	ri		= siri (T.2;3.4)	blo	kus		= agora (T. 2;3.4)
sa	bãw		= sabão (R.2;2.19)	xa	bu		= rabo (R.2;2.2)
.	*		#	*	.		#

(42) L	H*	(L)	%
kas	te	lu	= castelo (T.2;3.18)
ka	rã	ba	= caramba (R.2;2.19)
.	*	.	#

Nem sempre a forma alvo encaixa-se neste *template* binário e, neste caso, as crianças omitirão ou acrescentarão sílabas de modo a preencher este constituinte. Quando o *template* binário é (\*.), as palavras podem ser isomórficas ao mesmo (dados (43)-(44), (49) e (51)). Nos casos em que a forma alvo é menor do que o *template*, pode-se acrescentar *filler-sounds* no final de palavras (ressilabificando-as) (dados (46)-(47)), recortar a fala do *input* inserindo sílabas fracas (dado (45)) ou transformar ditongos em duas sílabas (dados (48) e (50)). Nos casos em que as formas alvo são maiores do que o *template*, a criança as reduz para duas sílabas (dados (52)-(55)):

(43) [ 'pã.te ]	= planta	(T.1;10.22)
(44) [ 'bi.su ]	= bicho	(T.1;11.14)
(45) [ 'poj.nẽ ]	= põe na...	(T.2;0.11)
(46) [ 'lu.zɪ ]	= luz	(T.2;3.18)
(47) [ 'doj.sɪ ]	= dois	(T.2;4.18)
(48) [ 'fo.:ɪ ]	= foi	(T.2;4.26)
(49) [ 'põ.dʒɪ ]	= pode	(R.1;11.12)

(50) [ 'se.:u: ]	= seu	(R.1;11.25)
(51) [ 'ka.zẽ ]	= casa	(R.1;11.25)
(52) [ 'õ.mu ]	= ônibus	(T.2;1.18)
(53) [ 'ʃi.kẽ ]	= xícara	(T.2;2.10)
(54) [ 'ã.mẽ ]	= amarelo	(R.2;3.12)
(55) [ 'mu.zɪ ]	= música	(R.2;5.25)

Para preencher o constituinte (\*.), há a possibilidade de as formas alvo conformarem-se com o *template* (dados (57)-(58), (61) e (63)). Nos casos em que a forma alvo é maior do que o arcabouço com que as crianças estão lidando, ocorre a omissão de sílabas, tanto em posição pré-nuclear (dados (56), (60), (64)-(65)), quanto pós-nuclear (dados (59), (62), (66)):

(56) [ a.'po ]	= escapou	(T.1;11.14)
(57) [ pu.'lo ]	= pulou	(T.2;1.21)
(58) [ si.'ri ]	= siri	(T.2;3.4)
(59) [ a.'gõ ]	= argola	(T.2;3.4)
(60) [ ga.'do ]	= gravador	(T.2;4.18)
(61) [ fo.'gãw ]	= fogão	(R.2;0.12)
(62) [ ver.'du ]	= verdura	(R.2;0.20)
(63) [ ta.'fẽ ]	= café	(R.2;1.5)
(64) [ maj.'sa ]	= amassar	(R.1;11.12)
(65) [ pi.'tãw ]	= capitão	(R.2;3.6)
(66) [ a.'ke ]	= aquele	(R.2;3.12)

#### 4.4 A aplicação do algoritmo acentual

Trata-se da última estratégia da criança, que consiste em fazer uso do algoritmo acentual do adulto. As estratégias anteriores permitiam à criança localizar a borda e a direção de aplicação do algoritmo acentual, bem como o constituinte binário assim formado; no entanto, elas não têm como derivar os enunciados proparoxítonos, que são dependentes da extrametricidade. Os enunciados proparoxítonos surgem aos 2;0 para T., mas só se tornam produtivos a partir de 2;3. Nos enunciados de R., essas seqüências são produtivas a partir de 2;2. Só foram encontradas formas nominais (dados (67)-(74)):

(67) [ 'mu.zi.ku ]	= música	(T.2;3.4)
(68) [ 'plas.tfi.ku ]	= plástico	(T.2;3.4)
(69) [ 'o.ku.lus ]	= óculos	(T.2;3.4)
(70) [ e.li.'ko.pi.te.ru ]	= helicóptero	(T. 2;4.0)
(71) [ 'sa.ba.du ]	= sábado	(R. 2;2.19)
(72) [ 'lo.ʒi.ku ]	= lógico	(R.3;2.19)
(73) [ ʒi.'nas.tfi.ku ]	= ginástica	(R. 2;6.8)
(74) [ ma.'le.va.lɐ ]	= malévola	(R. 2;6.19)

A produção dessas palavras pelas crianças indica que elas não estão mais apoiando a acentuação de seus enunciados no acento entonacional, pois este cria, nas estratégias anteriores, a possibilidade de apenas uma sílaba pós-tônica. Somente com a aquisição da extrametricidade é possível gerar proparoxítonos, e por isso eles são considerados característicos de uma quarta estratégia, a da forma adulta, isto é, a produção de proparoxítonos indica que a criança já faz uso da extrametricidade e, de acordo com nossa análise, do algoritmo do adulto.

## 5 Considerações Finais

As estratégias aqui discutidas apontam para o fato de que o trabalho para a aquisição do algoritmo do acento primário é ancorado em outros níveis prosódicos. As crianças usam diversas estratégias para marcar a proeminência acentual. Essas estratégias podem se justapor temporalmente; no entanto, os processos utilizados em cada uma permite seu reconhecimento. Embora não seja fixa, percebe-se uma ordem semelhante para ambas as crianças. As estratégias reconhecidas foram: uso de contornos entonacionais não-analisados, trabalho com a gramática prosódica dos contornos entonacionais (através do preenchimento segmental de um contorno eleito), eleição de um arcação acentual que se conforme com o contorno entonacional eleito, uso do algoritmo de acento primário da forma adulta.

Através dessas estratégias é possível observar a marcação de alguns parâmetros envolvidos no algoritmo acentual: direcionalidade, constituinte, regra final, extrametricidade para não-verbos (Lee 1995). Outras marcações paramétricas necessitam de informações de outros domínios: sensibilidade à estrutura silábica (cf.

Santos 1998), domínio (cf. Santos 2001), cujos processos de aquisição também estão em curso enquanto a criança adquire o algoritmo de acentuação de palavra. Cumpre observar também que nem todas as estratégias são responsáveis por marcações paramétricas, mas podem ser simplesmente um artifício para a marcação de proeminências acentuais enquanto os parâmetros do algoritmo de acento primário ainda não foram marcados. O estudo da marcação de alguns parâmetros que não são capturados por essas estratégias (iteratividade, diferenciação entre casos marcados e não-marcados) ainda está por ser feito.

## Referências

- CHOMSKY, N. (1965) *Aspects of the theory of syntax* MIT Press, Cambridge (EUA).
- . (1975) *Reflexões sobre a linguagem*. Ed. Cultrix, São Paulo. (tradução: 1980)
- . (1995) *The minimalism program*. MIT Press, Cambridge (EUA).
- CINTRA, G. (1997) Distribuição de padrões acentuais no vocábulo em português. *Confluência* 5:3, 83-92.
- CRUTTENDEN, A. (1986) *Intonation*. Cambridge University Press, Cambridge (Inglaterra).
- DORE, J.; Franklin, M. B.; Miller, R. T. & Ramer, A. L. H. (1975) Transitional phenomena in early language acquisition. *Journal of Child Language* 3, 13-28.
- FIKKERT, P. (1994) *On the acquisition of prosodic structure*. Holland Institute of Generative Linguistics, University of Leiden.
- GEBARA, E. M. (1976) *Alguns aspectos da intonação do português*. Dissertação de mestrado, UNICAMP, Campinas.
- . (1984) *The development of intonation and dialogue processes in two Brazilian children*. Tese de doutorado, Universidade de Londres, Londres.
- GERKEN, L. (1994) A metrical template account of children's weak syllable omissions from multisyllabic words. *Journal of Child Language* 21, 565-584.
- LEE, S. (1995). *Morfologia e Fonologia Lexical do Português Brasileiro*. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas.
- MEISEL, J. M. (1995) Parameters in acquisition. Em P. Fletcher & B. MacWhinney, eds., *The handbook of child language*, 10-35. Blackwell Publishers, Cambridge (EUA).
- NESPOR, M. & Vogel, I. (1986) *Prosodic phonology*. Foris Publishers, Dordrecht.

PIERREHUMBERT, J. B. (1987) *The phonology and phonetics of English intonation*. Indiana University Linguistics Club, Bloomington, Indiana.

PIAGET, J. & Inhelder, B. (1971) *La psychologie de l'enfant* PUF, Paris.

SANTOS, R. S. (1998) A aquisição da estrutura silábica. *Revista Letras de Hoje* 112, 91-98. PUCRS, Porto Alegre.

———. (2001) *A aquisição do acento primário no português brasileiro*. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas.

SCARPA, E. M. (1994) Filler-sounds e guardadores de lugar: questões de organização e desenvolvimento na aquisição da prosódia. Comunicação apresentada no *I Statistical Physics, Pattern Recognition and Grammar Selection*. São Sebastião, SP.

SELKIRK, E. (1984) *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. MIT Press, Cambridge (EUA).

VIGÁRIO, M & Frota, S. (1992) Aquisição da prosódia I: uma categorização das produções sonoras de e para a criança. *Análise Psicológica* 4: X, 457-478.

VIHMAN, M. M. (1996) *Phonological development – the origins of language in child*. Blackwell Publishers, Cambridge (Inglaterra).